



rumores e ruídos

FLIP, FLOP, FLUPP

Amanhã tem início um dos mais conhecidos eventos literários do país. É uma festa! A Festa Literária Internacional de Paraty chega à sua décima 10ª edição homenageando o nosso poeta “gauche”, o itabirano, carioca por eleição: Carlos Drummond de Andrade.

Uma festa não é uma bienal, também não é um festival, nem mesmo uma jornada, embora todos esses encontros possam ter um quê festivo. Festa é celebração e conagração. Para o Aurélio, festa é “uma reunião alegre para fim de divertimento”, “o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento”, é “comemoração, regozijo, júbilo”. Portanto, seu compromisso primeiro é com a alegria.

O que se vê nas ruelas históricas de Paraty, cidade entre o azul do mar e o verde das matas, é um movimento intenso e volumoso de pessoas acorrendo para tendas, praças, casas de cultura, bares e restaurantes para falar de literatura e do que gira em torno dela. Isso também ocorre nas ladeiras não menos históricas de Ouro Preto, na sua FLOP, ou na paradisíaca Porto de Galinhas (FLIPORTO), por exemplo. São pessoas que vão para ouvir, apreender e discutir literatura no corpo a corpo com os escritores convidados.

Diferentemente de uma bienal do livro, sem querer com isso lhe roubar os méritos e as intenções, uma festa está menos preocupada com a venda dos livros a preços mais acessíveis ou lançamentos editoriais. Numa festa literária como essas, o que interessa não é a celebração do objeto livro, mas daquilo que ele guarda ou revela, dos seus sentidos mais explícitos ou recônditos. Por isso, quando se está numa dessas tendas ou mesmo na praça, impera o mais ruidoso silêncio, uma experiência quase litúrgica. É claro que se vende (e como!), mas as filas formadas depois de cada mesa em torno dos escritores são para que os livros recebam o batismo de uma dedicatória ou de um aperto de mãos.

Ao contrário dos festivais em que tudo parece convergir para uma premiação e para os valores dela obtidos, nas festas da literatura, estão lá aqueles



escritores que, por razões distintas, já foram premiados pela acolhida de seus leitores. Escritores também legitimados por júris nacionais e internacionais de críticos. Nessas festas, há também a revelação de tendências temáticas e de problemáticas da literatura nacional e internacional. Há os consagrados e os estreantes, há os críticos especializados e os leitores comuns (nem tão comuns, convenhamos!), há os amantes da literatura, os simpatizantes, os curiosos, os que serão iniciados. Há velhos, jovens e crianças. Todos preocupados em se congregar.

Não segue aqui nenhuma impressão romantizada e tola que feche olhos e ouvidos aos apelos midiáticos, aos ingressos cobrados ou que ignore a “performance” de si que cada escritor desenvolve com maior ou menor desenvoltura. Mas não posso negar o encantamento da minha primeira vez e das que se seguiram, a emoção de entrar na “tenda dos autores”, em Paraty, “tenda onde entram todos”, como diz Cabral, que é “toldo”, “luz balão”.

Foi naquela ocasião também que ouvi de alguns amigos - assíduos frequentadores - uma discussão sobre a importância da FLIP e a da Jornada Literária de Passo Fundo, que está na 14ª edição. Era uma conversa acalorada. Havia os que defendiam que a Jornada do “Sul” era mais preocupada com o sentido formativo da leitura, que havia um empenho das escolas na preparação de seus jovens alunos para que pudessem debater os livros que haviam lido ao longo do período que antecede a Jornada; qual era a que tinha um público maior; que tipo de público; qual era a menos midiática (como se fosse possível ficar longe dos holofotes ou que houvesse algum demérito nisso!).

Uma jornada, em sentido estrito, é “marcha ou caminho que se faz num dia”. É bonito pensar que a literatura possa nos conduzir a caminhos potentes de compreensão da realidade ou de nós mesmos, que ela nos faça marchar de forma diferente. Nunca fui à de Passo Fundo, mais sei, a distância, que ela é passo largo na formação de leitores e que seus sulcos são profundos.

Vejo, com entusiasmo, que as festas literárias estão subindo os morros cariocas na esteira do projeto de pacificação das comunidades. A festa



rumores e ruídos

agora será nas UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora. As participações já começaram. Ruffato na Providência, Ferréz no Batam, mas, em novembro, a festança prosseguirá por dias, envolvendo escritores da periferia e outros tantos que falam sobre ela ou preocupados em fazer com que a literatura seja ainda mais eficiente do que a polícia na transformação de nossa dura realidade nacional.

